

A LITERATURA NATIVA EM SALA DE AULA: REFLEXÕES COM A OBRA “FOI VOVÓ QUE ME DISSE” DE DANIEL MUNDURUKU

Aldenice Auxiliadora de Oliveira¹
Gabriela Kelly de Souza Guimarães²
Paulo Henrique Barros³
Fabiana Alves da Silva⁴
Rosilene Felix Manedes⁵

RESUMO

Este trabalho visa apresentar um relato de experiência desenvolvido em uma escola pública do município de João Pessoa, o intuito de contribuir com avanços da leitura e escrita dos alunos dos 5º ano do ensino fundamental por meio de textos literários centrado na temática indígena. O nosso principal objetivo é na perspectiva do letramento literário, desenvolver um trabalho de educação literária a partir da prática literária com a obra “Foi vovó que me disse” de Daniel Munduruku. Pensando assim, amparamos nossa experiência na da Lei 11.645/2008 em que torna a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de todo país. Mais do que atender a legislação, visamos um trabalho efetivo em sala de aula com a literatura indígena, levando em consideração toda a contribuição que as obras literárias oferecem aos sujeitos e à sua humanização. Além disso, visamos enriquecer o universo cultural dos alunos e valorizar a cultura indígena, numa tentativa de significar e ressignificar paradigmas, compreende-se dessa forma que essa literatura contribui para um caminho de ensino significativo, dando visibilidade a esses povos que foram tão renegados. O nosso trabalho está fundamentado nas contribuições de Rildo Cosson (2014), que propõe Sequência Expandida como ferramenta para o Letramento Literário, bem como Teresa Colomer (2007), Regina Zilberman (2003), Cascudo (2006), Bajard (2014), Lajolo (2010). Como também a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), que defende o ensino da literatura por meio do Campo artístico-literário desde os primeiros anos do ensino fundamental. Os resultados apontam como a literatura possibilita uma gama de práticas e reflexões em sala de aula. Diante da intervenção pedagógica pode-se concluir que as atividades desenvolvidas a partir do texto literário encantaram os alunos. Logo a experiência o estudo mostrou-se relevante porque contribuiu para despertar o interesse pela literatura de temática.

Palavras-chave: Literatura indígena, Formação do leitor, Lei 11.645/08.

¹Mestranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, aldenice.auxiliadoraufpb@gmail.com;

²Graduada pelo Curso de Letras pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, gabrielak047@gmail.com;

³Mestre em Letras- pela da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, paulo.barrosoh1b@gmail.com;

⁴Especialista em Língua Portuguesa da Faculdade Internacional Signorelli fabiana_silvabia@gmail.com;

⁵Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rosilenemamades@email.com.

INTRODUÇÃO

A leitura é um elemento importante na vida do indivíduo, possibilitando um olhar crítico sobre determinados assuntos, nesse sentido, o ambiente escolar configura-se como um espaço privilegiado, pois se configura como uma base para a formação a dos estudantes, dentre elas as habilidades de leitura e escrita. Desse modo, a leitura de textos literários de autoria indígena pode propiciar subsídios para debater, interpretar e conhecer o mundo que nos cerca, como também possibilitar (re)conhecer suas próprias origens.

Para formar leitores literários, os professores também devem conhecer tais obras, tendo em vista que eles irão fazer a escolha dos livros literários que serão oferecidos aos alunos. Nessa conjuntura, é preciso pensar quais escritos circulam e propagam dentro desse ambiente, e como esses, são recebidos em seu contexto real. Deve-se oportunizar aos alunos para que eles tenham acesso a leituras diversas, com um recorte temático que possibilite uma visão de mundo para além dos textos já consagrados na instituição, instigando temas que venha enriquecer seu universo cultural.

A partir desta constatação, tendo em vista essa formação na fase do ensino fundamental, propomos no presente espaço de discussão contribuir com avanços da leitura e escrita por meios de textos literários centrado na temática indígena, como preconiza a Lei 11.645/2008, em que torna a obrigatoriedade da inclusão das temáticas históricas e culturais Afro-Brasileiras e Africanas na Educação Básica de todo o país.

Amparados pelo contexto apresentado, com base no que preconiza a lei, ao trazer os saberes ancestrais para o espaço escolar, conhecer e debruçar sobre essa literatura que abarca as diversas representações do imaginário como no caso dos mitos e lendas, muito presente na comunidade, esses costumes, e suas peculiaridades vem contribuir com a desconstrução de preconceitos e estereótipos historicamente enraizados pela sociedade brasileira contra os povos originários e sua cultura, além da sua contribuição no que tange a formação de leitores proficientes. Assim, partindo da relevância que essa literatura exerce para o ensino, a nossa proposta enfoca a leitura nativa em sala de aula como um recurso para desenvolver e potencializar o letramento cultural dos alunos ao mesmo tempo em que, os aproximará dessa temática no contexto de ensino.

Desse modo, para atender a esse propósito, propomos uma intervenção pedagógica através de uma proposta de leitura literária. Para isso, será utilizada como corpus a obra “Foi vovó que me disse” de Daniel Munduruku, sendo esta, um alicerce pertinente, considerando toda a contribuição que as obras literárias oferecem aos sujeitos e à sua humanização. Tais objetivos caminharão para discussões que visa valorizar a cultura indígena, dialogando com um ensino significativo, dando visibilidade a esses povos que foram tão renegados.

A motivação pelo corpus em tela foi ocasionada pela necessidade de se trabalhar os textos de autoria indígena em sala de aula, atrelada a uma proposta pedagógica, visando uma prática que venha desconstruir ideias preconcebidas sobre o indígena e sua cultura, ainda tão marginalizada no ambiente escolar. É devido a essas questões que está justificada a utilização desta temática desde os primeiros anos do ensino fundamental. A literatura nativa possibilita uma gama de práticas e reflexões pertinentes para o ensino e merecem ser evidenciadas. Trabalhar com a leitura desta obra nos anos iniciais, visa incentivar esses estudantes na leitura de texto de uma cultura diferente, valorizando outras identidades, para que, fundamentados desse conhecimento, possam desconstruir o imaginário em torno da folclorização dos povos originários.

Esta proposta prática aconteceu em uma escola pública do município de João Pessoa, em uma turma do 5º ano do ensino fundamental. Para o embasamento deste trabalho, recorreremos aos estudos críticos que norteiam esta temática a partir das contribuições de Rildo Cosson (2014), que propõe uma Sequencia Expandida como ferramenta para o Letramento Literário, como Também, Teresa Colomer (2007), Regina Zilberman (2003), Cascudo (2006), Bajard (2014), Lajolo (2010). Bem como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), o qual defende o ensino da literatura por meio do Campo artístico-literário desde os primeiros anos do ensino fundamental.

METODOLOGIA

APLICANDO A SEQUÊNCIA BÁSICA DE COSSON: COM A OBRA FOI VOVÓ QUE DISSE, DE DANIEL MUNDURUKU

Para a sequência básica da proposta escolhemos a obra Foi vovó que disse do autor indígena Daniel Munduruku, ilustrado por Graça Lima, publicada em 2015, apresenta em sua narrativa o cotidiano do povo Munduruku, apresentando a tradição do

seu povo de contar história, ouvir com atenção os guardiões e os sábios da comunidade como os avós que guardam na sua memória os saberes ancestrais para ensinar as crianças e os adolescentes sobre suas tradições, costumes e sobre como trilhar o mundo com sabedoria. Os mais velhos ficam responsáveis por transmitirem os saberes para que os mesmos não esqueçam as suas origens e esteja preparada para propagar com sabedoria a sua própria história. A narrativa apresenta em riqueza de detalhes à vida do menino Kaxiborempô, as ilustrações mostram varias características direcionada a aldeia e o modo de viver do povo Munduruku, um ambiente com elementos voltados a natureza, árvores e seres encantados, cores e grafismo presente na pele dos personagens, representando sua força e proteção. A obra também apresenta a luta do seu povo, contribuindo para desmitificando os estereótipos pré determinados impostos aos povos originários desde o período colonial. A obra apresenta o modo de vida dos povos que moram na aldeia, que através das narrativas mantém vivas suas raízes ancestrais:

Nós gostamos de ser o que somos porque somos parte de um povo e temos orgulho de nossa gente, de nossa história, de nossos antepassados. E queremos contar aos nossos filhos tudo o que aprendemos, e queremos que eles contem para os filhos e para os filhos de seus filhos. Só assim continuaremos vivos... e livres... (MUNDURUKU, 2002, p. 22-23).

Desse modo, trazer essas obras para as escolas vem fortalecer essa cultura e história tão rica para nossa sociedade as trocas de saberes vêm contribuir para ressignificar a sua própria história, reconhecendo sua própria identidade que por muito tempo foi negada.

PASSO A PASSO DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE:

PASSO 1: MOTIVAÇÃO

A motivação, foi desenvolvida na primeira aula da proposta, lançamos a seguinte pergunta para a turma: *Vocês já viram falar sobre o povo Munduruku? Sabem quem são os povos originários?* Pedimos que os alunos falassem sobre o que sabiam sobre os indígenas. O intuito foi ativar os conhecimentos prévios dos alunos.

PASSO 2: INTRODUÇÃO

Na fase introdutória apresentamos a capa do livro, em seguida apresentamos a obra e o autor, chamando a atenção para a ilustração, apresentamos o título e os grafismos, relacionando a cultura indígena, realizamos alguns questionamentos para que os alunos

apresentassem suas ideias sobre a obra que será lida, antecipando o momento da leitura. Realizamos uma breve contextualização da literatura indígena. Ainda levantamos algumas questões:

1. O título do livro “ Foi vovó que disse”. O que vocês acham que trata esse livro?
2. O que vocês observam nas imagens? Quem são essas pessoas?
3. O que essas imagens têm a ver com o título da obra?
4. Sabem o que são grafismo? O que vocês observam na pele das duas pessoas presente na capa? Sabe o motivo desses povos se pintarem?

Para esse momento organizamos os estudantes em círculo, no centro colocamos a obra impressa com alguns instrumentos voltados aos povos originários, como cocar, maracá, flecha, pau de chuva, cabaça, urucum. Além de oportunizar os alunos a ter contato com a cultura indígena, também tiveram levamos a conhecerem a obra. Em seguida, apresentamos a tinta urucum enfatizando as principais pinturas potiguaras com os seus respectivos significados, tais como: Colmeia: união do povo e igualdade; Folha da jurema: ancestralidade, força dos encantados, beleza e espiritualidade; Salamanta: esperteza, beleza, força da natureza; Coral: defesa do território; respeito e sabedoria.

PASSO 3: LEITURA

Na leitura da obra foi o momento mediado pelo professor.

PASSO 4: INTERPRETAÇÃO

Na interpretação apresentamos a atividade de interpretação dirigida, em que o professor intervém diretamente para a construção de um conhecimento e uma interpretação sobre a contação de história. Também utilizamos as estratégias de leitura conexão de acordo com Girotto e Souza (2010). Levantamos os seguintes questionamentos:

1. Conexão texto-leitor: Vocês conseguiram relacionar algum acontecimento do livro com sua vida? Que momento já vivenciou algo voltado a cultura indígena?
2. Conexão texto-texto: Essa história lhes fez lembrar algum outro livro que você já leu? Alguém já contou algo parecido?
3. Conexão texto-mundo: Consegue associar essa história com algum acontecimento na sua escola? Seus professores já contaram alguma história

sobre os povos indígenas? Seus avós ou familiares costumam contar história para vocês? Alguma coisa te causou estranhamento? Por quê?

Nesse momento pedimos que os estudantes apresentassem sua experiência com a leitura. Foi o momento que eles conversaram entre si, sobre a relação das suas vivências com a obra.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na contemporaneidade, cada vez mais exige habilidades que diz respeito à competência leitora dos estudantes, por está ser ferramenta essencial nas vidas das pessoas, sendo usada em diversas situações do cotidiano, que vai de atividades simples as mais complexas. Nesse viés, pensando na formação do leitor literário, visamos apresentar uma proposta de ensino com a temática indígena, acreditamos que o contato dos alunos com diversos textos literários vem ressignificar o seu olhar sobre os temas, desconstruindo estereotípicos impostos pela sociedade. Dessa forma, consideramos relevante abordar a literatura indígena na escola, tendo em vista que apresentam culturas diferentes, que faz parte da formação do povo brasileiro.

Após a implementação da Lei 11.645/2008 em que tornou obrigatória a presença das temáticas afro-indígenas no currículo escolar da educação básica de todo país, conseguimos encontrar nas bibliotecas das escolas públicas obras de autoria indígena, dessa forma o professor pode pensar em uma prática significativa para sala de aula em que prevaleçam os estudos da cultura e história desses povos que são tão importantes para nossa sociedade. À medida que o professor utiliza em suas aulas e no ambiente escolar a temática nativa, está oportunizando os estudantes a tomar conhecimento da sua cultura de maneira respeitosa e ampla, por entender, a partir desse olhar, quais foram e continuam sendo os desafios enfrentados pelos povos originários para se obter uma sociedade mais justa e inclusiva.

Desse modo a leitura é indispensável na vida do estudante, tendo em vista que vem ampliar seu pensamento crítico para atuar na sociedade, a partir desse novo olhar o leitor assume um papel atuante ao deparar-se com narrativas que refletem as características da pluralidade do seu país. De acordo com os PCNs (1997): a temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica das relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade

de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997).

Amparados nesta constatação, recorremos a essa literatura como um diálogo interdisciplinar de conhecimentos, a qual representa as lutas e tradições dos povos originários e suas representações nas histórias passadas, tão importantes para a sociedade, que não devem cair no esquecimento. Sendo assim, torna-se necessária que o professor atenda o que este posto no currículo escolar para que de fato essa literatura chegue às salas de aula. As narrativas de tradição oral são uma importante ferramenta para aguçar o imaginário, curiosidade e percepção dos estudantes, permitindo através das diversas culturas ampliar seu repertório e seu senso crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram bem animadores, pois percebemos como as crianças ampliaram o conhecimento sobre os povos originários, como também em relação à leitura e a escrita. A proposta contribuiu para o rompimento com os estereótipos relacionado à cultura indígena.

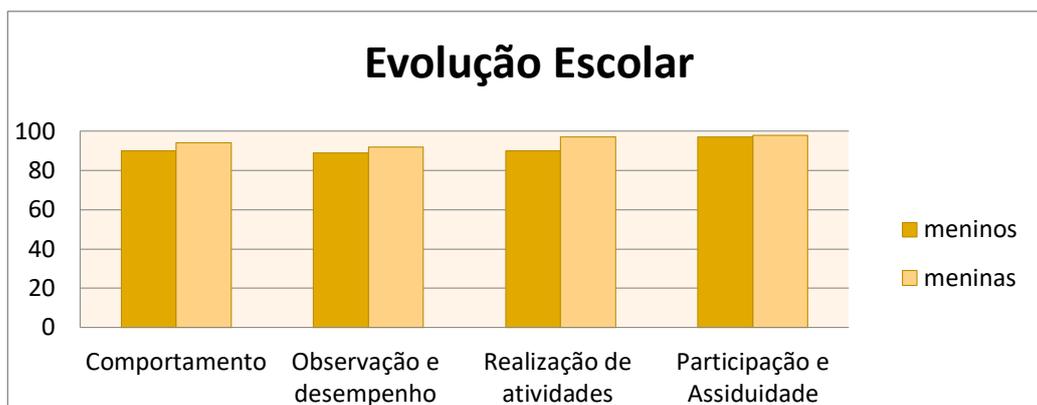


Gráfico representativo referente à participação e evolução dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas no contexto do ensino possibilitaram uma gama de práticas e reflexões em sala de aula, contribuindo para a aprendizagem e vida dos estudantes. Verificamos que por meio destas atividades as crianças ampliaram o conhecimento sobre os povos originários, a imaginação e as habilidade de leitura e escrita. A proposta contribuiu para romper com os paradigmas predeterminados na sociedade sobre os povos originários. Os resultados foram perceptíveis na evolução dos estudantes, pois os mesmos apresentaram maior apropriação da linguagem escrita, e maior desenvoltura quanto à oralidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 11.645/2008. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024. BRASIL. Lei n. 10.639/2003. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024. BRASIL. Lei n. 9.394/1996. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade cultural. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006

GRAÚNA, Graça; WALTER, Roland. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013 **REFERÊNCIAS:**

BRASIL. Lei n. 11.645/2008. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024. BRASIL. Lei n. 10.639/2003. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024. BRASIL. Lei n. 9.394/1996. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006

GRAÚNA, Graça; WALTER, Roland. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.